



Esta obra possui uma Licença

Submissão: 28/09/2022 | Aprovação: 15/012/2022

[Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/11054>

<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v17i28.11054>



Margens: Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | V. 17 | N. 28 | Jan-Jun, 2023, pp. 303-307



RESENHA: PROTAGONISMO NEGRO NA DIÁSPORA

REVIEW: BLACK PROTAGONISM IN THE DIASPORA

Marcos RODRIGUES  

Universidade Federal da Bahia (UFBA)¹

Resumo: Resenha do livro de Sabrina Gledhill, *Travessias no Atlântico Negro: Reflexões sobre Booker T. Washington e Manuel R. Querino*, publicado em 2020 pela Edufba.

Abstract: *Book review by Sabrina Gledhill, Travessias no Atlântico Negro: Reflections on Booker T. Washington and Manuel R. Querino, published in 2020 by Edufba.*

Palavras-chave: Booker T Washington. Manoel Querino. Relações raciais.

Keywords: Booker T Washington. Manoel Querino. Race relations.

¹ Mestre em Estudos Étnicos e Africanos pela UFBA; Bacharel em Comunicação pela UFBA. Pesquisador colaborador do Museu Afro-Brasileiro da UFBA. E-mail: jmbr.ba@gmail.com

O livro recente de autoria da pesquisadora e brasilianista inglesa Sabrina Gledhill, com viés no campo biográfico, lança luz sobre as histórias de vida do norte-americano Booker T. Washington (1856/1915) e do brasileiro Manuel R. Querino (1851/1923) na linha e enfrentamento ao racismo, no espaço concebido e contextualizado como Atlântico Negro. A publicação apresenta um estudo comparativo a partir do período final da escravidão na América e traz a oportunidade de ampliar os espaços de discussão e reflexão sobre temáticas da diáspora africana. Uma abordagem cujo enfoque é o protagonismo negro na diáspora do atlântico americano.

De início, caberia uma questão: O que leva uma pesquisadora europeia escolher investigar a vida de duas pessoas negras diversas, em realidades distantes, sem se cruzarem nem se conhecerem, mas com ideais semelhantes? Sendo uma mulher migrante, com experiência na área de História e Antropologia das Populações Afro-Brasileiras, vinda dos Estudos Latino-Americanos na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), Estados Unidos, a autora confessa que foi motivada a escrever esse livro pela necessidade de resgatar a memória de dois pensadores importantes para a história da diáspora negra que denotam o valor da educação para a libertação da mente humana. Nas entrelinhas entende-se o mapeamento das histórias de Booker Washington e Manuel Querino em suas batalhas antirracistas e antirracistas para retomar um debate de reparação ao esquecimento e rejeição do saber.

O livro começou como uma tese de doutorado no Programa de Estudos Étnicos e Africanos (Pós-Afro) da Universidade Federal da Bahia, com o intuito de rerepresentar Booker Washington no século XXI e reabilitar a imagem de Manuel Querino no Brasil. Eles foram protagonistas de suas histórias, deixaram um legado de experiências e deram visibilidade às contribuições da civilização africana na formação social das duas nações americanas. Foram duas personalidades que utilizaram o intelecto para visibilizar o lugar do negro na diáspora. A importância desse livro certamente decorre da abordagem sobre a história política e social que refletiram no desenrolar das relações raciais nos Estados Unidos e no Brasil. Portanto, trata-se de uma narrativa direcionada ao debate intelectual.

Organizado em quatro substanciais capítulos, vasto referencial bibliográfico e dois anexos, o livro se dispõe a cruzar informações, recuperar fatos, reparar danos de memória e preencher lacunas conforme a necessidade e a proposta da pesquisa realizada com grande apoio epistemológico. Sabrina Gledhill apresenta um trabalho bem de acordo com sua trajetória de vida marcada pelo deslocamento. Assim como ela, também seus personagens objeto de pesquisa tiveram suas vidas plenas de mudanças de hábitos e lugares. Na introdução a autora apresenta seus parceiros teóricos que vão acompanhar a sua narrativa sobre os contextos sociais em que viveram os personagens em questão. Os territórios e

as pessoas são diferentes, mas as formas de luta e afirmação se assemelham diante da política de dominação sistemática. Esse é o caminho percorrido nas travessias racialistas pelos dois personagens com mediação da autora.

Natural de Santo Amaro, na Bahia, Manuel Querino possui alguma visibilidade no exterior e é pouco conhecido no Brasil, segundo a autora, inclusive mantido numa linha de exclusão e apagamento como um dos precursores da antropologia e da história da arte nacional. Booker Washington é ainda mais desconhecido, apesar de uma autobiografia publicada no Brasil com tradução do escritor Graciliano Ramos em 1940, recheada de equívocos, conforme observa. Ao que parece, não há uma precisão sobre sua aparição nos meios intelectuais brasileiros. A questão é que os libertos em sua maioria não tinham a instrução do letramento, saber ler e escrever era proibido pela lei da política colonial. Ainda num tempo em que a tecnologia da comunicação não era tão veloz, vale salientar que ambos apostaram na educação como estratégia para inverter a condição de subalternidade.

Gledhill aproveita para explicar as formas diferentes de classificação do negro nos Estados Unidos e no Brasil. Trabalha os conceitos de nação e pertencimento étnico a partir das designações do racismo científico. Seguindo no capítulo 1 a autora traça um panorama social da diáspora atlântica através de redes e conexões entre intelectuais da época. Lutar contra as ideias racialistas foi o lema dos dois personagens, cada um no seu país, inclusive o processo de reconhecimento da mestiçagem a partir da hipodescendência nos Estados Unidos e a criação de categorias intermediárias no Brasil com base nas tonalidades da pele. O mestiço em qualquer nível é negro lá, aqui as categorizações flexibilizam o caráter de definições racializadas. Os dois países compartilham o passado escravo em suas histórias com a estratégia de manter os escravizados sob o controle da ignorância e após a abolição com uma diferença de pouco mais de 20 anos, a perseguição aos libertos em suas manifestações classificadas como vadiagem. A autora procura situar os dois personagens entre o fim do século XIX e início do século XX, a partir retrospectos e fatos históricos.

No capítulo 2, com elementos autobiográficos a autora elabora o discurso da imagem dos dois intelectuais como referências negras na luta de libertação, através da instrução do trabalho, atitudes solidárias e alianças com as relações de poder. A autora analisa como os dois pensadores se mostraram e foram percebidos aos olhos dos outros. Alguns pontos são comuns aos dois. Nas biografias autorizadas, procuravam combater os estereótipos do negro reforçados pelo sentimento de dominação do branco e a baixa autoestima da comunidade. Nasceram no período da escravidão, tiveram tutela de brancos, foram intelectuais, tinham como lema a educação profissionalizante para

libertação social do negro. Cada um na sua forma de atuar foram intelectuais da comunidade negra voltados à necessidade de qualificar os irmãos de cor. Washington criou um instituto que virou universidade, se tornou consultor da presidência da república, publicou livros. Querino, certamente o primeiro estudioso da civilização africana na Bahia, foi militante operário, político, educador, jornalista e autor de vários livros.

No capítulo 3, o enfoque gira em torno da reputação de Washington e Querino na posteridade. Foram muitas interpretações distorcidas a serem reparadas. O primeiro também goza de desafetos e chega a ser classificado como traidor por aceitar dinheiro após a Guerra de Secessão. O segundo chega a ser considerado referência em civilização africana na Bahia, mas é ignorado por ocasião do Congresso Afro-Brasileiro em 1937, sofre acusação de plágio e é rejeitado como ícone no meio acadêmico. Apesar de reconhecido como negro mais famoso do mundo, Washington tinha contra si a exigência para ser uma liderança mais aguerrida e agressiva. Chegou a ser acusado de comodismo e começou a ser esquecido ainda em vida, apesar de várias biografias publicadas a seu respeito. Querino, embora visto como modesto e altivo, não passou de um “humilde professor negro”. No momento, ambos passam por uma releitura sobre suas contribuições na contramão do esquecimento e da rejeição do discurso dominante.

O capítulo 4 aborda sobre a visibilidade de Booker T. Washington na imprensa brasileira, na primeira metade do século XX, e como a classe intelectual negra poderia conhecê-lo. A autora se dedica a leitura de uma resenha em série no jornal Diário da Bahia sobre sua vida e obra do pensador, escrita por uma jornalista francesa. Segundo revela a pesquisadora, Washington no seu tempo foi o negro mais famoso do mundo. Entretanto, conforme a investigação, sua reputação de educador negro, líder da nação negra nos Estados Unidos foi apagada da imprensa brasileira.

Em termos de conclusão, a autora destaca que ambos se empenharam em garantir aos negros o aprendizado de um ofício para sobreviver na condição de liberto e reforça que nenhum esforço no Brasil foi feito para educar o ex-escravo e seus descendentes, reflexo ainda hoje visível. A diferença só está no tempo. A pesquisadora levanta a memória de dois intelectuais ilustres que marcaram época na história de seus países como alerta de memória aos idealizadores da escola integral dos dias atuais. Ao que parece a pedagogia diferenciada pertence a nossa ancestralidade.

A tese de Sabrina Gledhill foi avaliada por uma banca examinadora das melhores já vistas no Pós-Afro. O conteúdo do debate e explanações dos professores convidados não deixaram dúvida sobre a decisão de recomendar a publicação desse livro. E agora de volta às origens, na Inglaterra, a autora deixa o resultado entre nós para viajarmos na condição de leitores entre os alinhavos e possíveis

discussões a respeito das polêmicas levantadas. Enquanto isso, outras críticas públicas estão por vir a cerca do discurso construído em torno da notoriedade e esquecimento de Booker Washington e Manuel Querino, já que temos formas de racialização renovadas pelo capitalismo.